

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE SUPER-HEROÍNAS: DO MOVIMENTO FEMINISTA ÀS QUESTÕES DE GÊNERO

SUPERHEROINES COMICS: FROM THE FEMINIST MOVEMENT TO GENDER ISSUES

TEBEOS DE SUPER-HEROÍNAS: DEL MOVIMIENTO FEMINISTA A LAS CUESTIONES DE GÉNERO

Gelson Vanderlei Weschenfelder¹
Ana Colling²

RESUMO:

As discussões que ocorriam no passar da história nestes últimos cem anos eram sempre refletidas nas páginas das histórias em quadrinhos de super-herói (conhecidos como Comics, e aqui no Brasil carinhosamente chamados de Gibis) - Principalmente a questão sobre a diferença e gênero. Estas foram as primeiras a trazer tal discussão para os meios de comunicação de massa. A mulher sempre teve seu papel nas histórias em quadrinhos de super-heróis, primeiramente como coadjuvante, sendo o objeto das maquinações dos vilões, e após um tempo, com as marchas dos movimentos feministas e os movimentos pelos direitos humanos, como papel principal, sendo a super-heroína das histórias.

Palavras chaves: Gênero. Histórias em quadrinhos. Mulher-Maravilha. Super-Heroína. X-men.

ABSTRACT:

The discussions that have occurred in history over the past one hundred years were always reflected on the pages of superheroes comic books (known as Comics, and here in Brazil called Gibi) - especially the question on the difference and gender. These comics were the first ones to bring this discussion to the means of mass communication. The woman has always had her role in the superheroes comics, at first performing a supporting role, being the object of the machinations of villains, and after some time, with the feminist movements and the movements for human rights, performing the main role, being the super heroine of the stories.

Keywords: Gender. Comics. Wonder Woman. Superhero. X-men

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação do Centro Universitário La Salle - Unilasalle. E-mail: gellfilo@terra.com.br

² Professora titular do Centro Universitário La Salle - Unilasalle no curso de História e Mestrado em Educação. Doutora em História pela PUC- RS. E-mail: acolling21@yahoo.com.br



RESUMEN:

Los debates que tuvieron lugar en la historia pasada en los últimos cien años, se reflejan siempre en las páginas de las historietas de super héroes (conocidas como Cómics, y aquí en Brasil afectuosamente llamadas de *Gibis*). Sobretudo la cuestión acerca de la diferencia y el género. Estas fueron las primeras en traer tal discusión a los medios de comunicación de masa. La mujer siempre ha tenido su papel en el historietas de super héroes, primeramente como coadyuvante, siendo el objeto de las maquinaciones de los villanos, y después de un tiempo, con las marchas de los movimientos feministas y los movimientos por los derechos humanos, como papel principal, siendo la super heroína de las historias.

Palabras claves: Género. Historietas. Mujer Maravilla. Super Heroína. X-men.

INTRODUÇÃO

Sem dúvida, a categoria gênero reivindica para si em um território específico, em face da insuficiência dos corpos teóricos existentes para explicar a persistência da desigualdade entre homens e mulheres. Como nova categoria o gênero vem procurando dialogar com outras categorias históricas já existentes, mas vulgarmente ainda é usado como sinônimo de mulher (MATOS, 2000, p. 16).

As HQ's³ sempre trouxeram a discussão sobre a diferença para dentro de suas páginas. Elas foram as pioneiras em trazer tais questões para os meios de comunicação de massa. Questões sobre direitos humanos, o negro e a mulher; eram questões discutidas tão somente por ativistas e seus meios de comunicação restritos.

O papel da mulher nas HQ's era somente ser vítima das maquinções dos vilões, ou tinham um papel secundário, auxiliando o super-herói masculino. Este era o retrato da sociedade machista, mulheres subjugadas pelo domínio masculino. A passividade feminina por elas assumida foi apontada no livro *Curso de Direito Social* da ativista feminista Jeane Deroin:

A mulher ainda uma escrava, permanece em silêncio. (...) Subjugada pelo domínio masculino, ela nem sequer aspira à sua própria libertação; o homem é que deve libertá-la (ALVES, 1985, p.39).

O nascimento da primeira super-heroína das HQ's, se confunde com a história do movimento feminista em solo estadunidense. Os anos de 1930 e 1940 representam um período em que, formalmente, as reivindicações das mulheres haviam sido atendidas: podiam votar e ser votadas, ingressar em instituições escolares, participar do mercado de trabalho onde houve um reconhecimento da

³ Histórias em Quadrinhos.

cidadania das mulheres. Mas este período é marcado pela eclosão de uma nova guerra, a Segunda Guerra Mundial.

A afirmação da igualdade entre os sexos vai confluir com as necessidades econômicas daquele momento histórico. Valoriza-se, mais do que nunca, a participação da mulher na esfera do trabalho, no momento em que se torna necessário liberar a mão-de-obra masculina particular, nos países diretamente envolvidos no conflito (ALVES, 1985, p.50).

É no início da década de 1940 que a primeira personagem super-heroína das HQ's nasce, a *Mulher Maravilha*, criada pelo psicólogo, ativista dos direitos humanos e ativistas do movimento feminista naquele período, *William Moulton Marston*.

A Mulher Maravilha é criada como contrapartida ao super-herói *Super-Homem*. A Mulher Maravilha é uma versão feminina do campeão super-poderoso Super-Homem, décadas mais tarde, foi adotada até mesmo pelos movimentos feministas.

Já no meio do turbilhão do movimento por direitos civis e da libertação feminina e 1963, é criado pelo grande *Stan Lee*⁴ os *X-men*, os mutantes que trazem para as páginas das HQ's questões como discriminação e gênero.

A HQ dos X-men foi à primeira revista da *Marvel Comics*⁵ a apresentar super-heroínas em papéis de grande destaque. *Jean Grey* era umas das primeiras a entrar para a *Escola para Jovens Super Dotados, o Instituto Xavier*, o restante era todos os homens. Mas as X-women da década de 1970, como por exemplo, a super-heroína *Tempestade*, refletia a mudança social da era. Eram pensadoras independentes, tinham uma vontade forte e eram rígidas como ferro.

Torna-se cada vez mais necessário, sem esquecer a opressão histórica sobre as mulheres, superar a dicotomia ainda fortemente presente entre a "vitimização" da mulher, uma análise que apresenta um processo linear e progressista de suas lutas e vitórias, e a visão de uma "onipotência" e "rebeldia" feminina, que algumas vezes estabelece uma "heroização" das mulheres (MATOS, 2000, p.15).

A AMAZONA MULHER-MARAVILHA

As guerreiras Amazonas são um povo da mitologia grega, viviam na ilha de *Themyscira*. A palavra 'amazona' tem origem incerta, alguns estudiosos firmam que

⁴ Criador do Homem-Aranha, Hulk, Quarteto Fantástico entre outros.

⁵ Marvel Comics é uma editora estadunidense de banda de histórias em quadrinhos pertencente à Marvel Entertainment/Disney. Com sede, em Nova Iorque, é uma das mais importantes editoras do gênero no mundo, tendo criado a maioria dos mais importantes e populares super-heróis, anti-heróis e vilões do mundo das histórias em quadrinhos.

vem da raiz ariana *há-mazan*, que significa ‘guerreiro’, enquanto outros crêem que vem da raiz *amastos*, que significa ‘aquela sem seio’ (KNOWLES, 2008, p.179), uma referência ao fato que, as amazonas mutilavam as meninas ao nascer, ao terem as glândulas mamárias do lado direito removidas, para assim, facilitar o tiro de arco (BOLTON,2004,p.33). Homero se referia às amazonas como as *Antianeirai*, o que significa “as que odeiam homens” (BOLTON, 2004, p.133).

As amazonas não suportavam a presença masculina. Diz a lenda que em Themyscira era proibida a entrada de homens, pois a rainha *Hipólita* sofreu a traição de um homem e desde então baniu a presença deles. Abriam uma exceção caso o homem fosse um empregado encarregado de uma tarefa bem desprezível. Mas estas guerreiras se serviam de estrangeiros e viajantes para engravidar; pois naturalmente, homens eram necessários para a perpetuação de seu povo. Caso o fruto dessa união breve, fosse um menino, a tribo livrava-se dele imediatamente. Algumas versões descrevem como estes meninos eram descartáveis. Alguns dizem que eram aleijados e abandonados para morrer ou, com sorte, abandonados nas estradas para algum viajante encontra-lo e adotá-lo. Para outras versões, estes meninos eram cegados e abandonados posteriormente, ou ainda mortos ao nascer sem piedade ou remorso. Mas, de acordo com algumas lendas, os mais afortunados eram criados para servir como escravos no futuro (BOLTON, 2004, p.133).

Estas guerreiras veneravam o deus *Ares*, (BOLTON, 2004, p.132), que se casou com uma rainha amazona, *Otrere* e tiveram uma filha, que mais tarde, ocupou o lugar da mãe (BOLTON, 2004, p.132). Eram temidas guerreiras, consideravam-nas tão fortes quanto homens, tão selvagens quanto feras, e mais perigosas que víboras, uma vez que eram racionais e astutas. Mas as guerreiras amazonas não seguiam somente os passos do deus *Ares*, a deus *Ártemis* era venerada por todas, deusa virgem que representava a força feminina. Na Grécia Antiga, a mulher ocupava uma posição inferior à do homem, e possuía pouquíssimos direitos.

Na Grécia a mulher ocupava posição equivalente à do escravo no sentido de que tão-somente este executava trabalhos manuais, extremamente desvalorizados pelo homem livre. Em Atenas ser livre era, primeiramente, ser homem e não mulher, ser ateniense e não estrangeiro, ser livre e não escravo (ALVES, 1985, p.11).

Não é de se estranhar, que estas lendárias guerreiras se tenham tornado um símbolo de liberdade destas oprimidas mulheres gregas.

Os homens sentiam um grande respeito por elas. A maioria não sabia se deveria sentir medo ou admirá-las. O fato de haver mulheres com força

igual ou superior à dos homens, e que ainda os tratavam como seres descartáveis, era um pouco assustador (BOLTON, 2004, p.132).

É dentro deste contexto mitológico que nasce em 1941, a super-heroína, *Mulher-Maravilha*. Esta foi a pioneira, a primeira super-heroína das HQ's, pela DC⁶. Mas este ícone feminista supremo não foi inventado por uma mulher, mas sim por um homem, pelo psicólogo William Moulton Marston (1893-1947). Marston foi um verdadeiro homem da Renascença, além de psicólogo, foi psiquiatra, novelista, jornalista e pioneiro do feminismo. É nas décadas de 1930 e 1940 (década em que a personagem Mulher Maravilha é criada), que as reivindicações do movimento feminista haviam sido formalmente conquistadas na maior parte dos países ocidentais (direito ao voto e escolarização e acesso ao mercado de trabalho). A possibilidade de a mulher trabalhar ganhou força principalmente no contexto das duas guerras, com grande parte dos homens envolvidos com a guerra as mulheres ocuparam os postos de trabalho vagos. (ALVES,1985).

A Super-heroína Mulher-Maravilha é a princesa de *Themyscira* (às vezes chamada de Ilha Paraíso), filha da rainha das amazonas, Hipólita(a Rainha que cedeu seu cinturão a *Hércules*, nos doze trabalhos; tal cinturão havia sido dado a Hipólita pelo Deus Ares, como símbolo do poder temporal que a Amazona exercia sobre seu povo) (BULFINCH,2006,p.148). A Mulher-Maravilha veio ao mundo como uma estátua de menina de barro criada por Hipólita. Tão apaixonada por sua escultura, a rainha pediu aos deuses que dessem vida a figura, e foi atendida. Recebeu o nome de Diana. Junto com a vida, os deuses também *deram várias habilidades à garotinha, ela tem a beleza da Deusa Afrodite, a força de Hércules, a sabedoria de Atena e a velocidade de Mercúrio* (KNOWLES,2008,p182). A Mulher-Maravilha, além dos poderes, recebeu dos deuses presentes que ajudam a aumentar suas habilidades: dois braceletes indestrutíveis, que usa para desviar projéteis e raios, uma tiara que pode ser usada como bumerangue e um laço mágico inquebrável que faz com que as pessoas tocadas digam a verdade.

Quando Diana estava adulta, *Steve Trevor*, piloto da Força Aérea Americana colidiu com seu avião na Ilha Paraíso. A Rainha Hipólita decretou que a amazona

⁶ *DC Comics* é uma editora estadunidense de HQ's e mídia relacionada, sendo considerada uma das maiores companhias ligadas a este ramo no mundo. Por décadas a DC tem sido uma das duas maiores companhias de quadrinhos daquele país, ao lado da Marvel Comics (sua rival histórica). Originalmente, a companhia era conhecida como *National Comics* e com o tempo passou a adotar a sigla "DC" que originalmente se referia a *Detective Comics*, uma de suas revistas mais vendidas (a qual é publicada até hoje e apresenta histórias de Batman). Localizada originalmente na cidade de Nova Iorque.

que vencesse diversas provas entre elas teria a incumbência de levar Steve de volta aos EUA, e se tornaria uma campeã em nome das amazonas em território americano. Proibida de participar por sua mãe, Diana se disfarçou e ganhou o contesto, que incluía lutas armadas sobre kangoos (espécies de canguru nativos da Ilha Paraíso), competição de corrida, e aparar balas com seus braceletes. A Mulher-Maravilha adotou a identidade secreta de *Diana Prince*, uma enfermeira da Força Aérea Americana.

A Mulher-Maravilha décadas mais tarde de sua criação, foi adotada até mesmo pelos movimentos feministas, isto se deveu ao alto grau de capacidade realizadora que Marston reconheceu nas mulheres, especificamente no mito grego das amazonas, cuja atualização empreendeu para das “fundamentos” minimamente críveis à sua personagem. A Mulher-Maravilha é uma amazona que veio à terra dos homens saindo da Ilha Paraíso para sublinhar, femininamente, que todos preferem a paz, mas brigam sim, quando se faz necessário (BRAGA,2006,p.79).

Marston adotou uma cosmovisão dualista em sua personagem, a Mulher-Maravilha. Ele sugere que a humanidade está sob duas forças opostas, Ares, Deus da guerra, e Afrodite, Deusa do amor. Ele achava que as mulheres deviam conquistar os homens pelo poder do amor, assegurando a paz na Terra por toda a eternidade.

Marston disse:

Francamente, a Mulher-Maravilha é uma propaganda psicológica para o novo tipo de mulher que, creio eu, deveria governar o planeta. Não há amor suficiente no organismo masculino para governar este mundo de modo pacífico. O corpo da mulher contém duas vezes mais órgãos geradores de amor e mecanismos endócrinos do que o homem (KNOWLES,2008,p.182).

Marston fala sobre o amor como objeto de poder para a mudança, mas para Simone Beauvoir isso não passa de uma mística.

O amor foi apontando à mulher como sua suprema vocação e, quando o dedica a um homem, nele ela procura Deus: se as circunstâncias lhe proibem o amor humano, se é desiludido ou exigente, é em Deus mesmo que ela escolherá adorar a divindade. (...) A mulher está acostumada a viver de joelhos; espera normalmente que sua salvação desça do céu onde reinam os homens; eles também estão envoltos em nuvens; é para além dos véus de sua presença carnal que sua majestade se revela (BEAUVOIR,1980,p.439).

Para Beauvoir (1980,p.411), a palavra ‘amor’ não tem em absoluto o mesmo sentido para um e outro sexo. E é isso uma fonte de graves mal-entendidos que os separam.

Marston cria uma personagem de um contexto histórico, onde a mulher é comparada a um escravo. As mulheres gregas, universo de onde sai a super-heroína Mulher-Maravilha, não são consideradas cidadãs, e não tem direitos ao contrário dos homens gregos. A personagem Mulher-Maravilha é uma amazona, diferente das mulheres gregas, e na literatura estas guerreiras faziam as mulheres questionarem suas experiências de exclusão (BOLTON.2004,p.132). Para Matos, que busca através da investigação histórica, reconstruir e recuperar a historicidade das relações entre os sexos, diz:

Os estudos de gênero tem se mostrado como um campo multidisciplinar, com uma pluralidade de influências, na tentativa de reconstituir experiências excluídas. Neste sentido, aproximaram-se particularmente da psicologia e da antropologia, influências que, sem dúvida, favorecem a ampliação de áreas de investigação histórica (MATOS,2000,p.22).

Vale assinalar que Marston dotou sua heroína de um laço coma característica de arrancar dos vilões a verdade absoluta dos fatos, sem sombra de mentira. A curiosidade é que Marston, o psicólogo que escreveu os roteiros até 1947, participou também da criação do verdadeiro detector de mentiras.

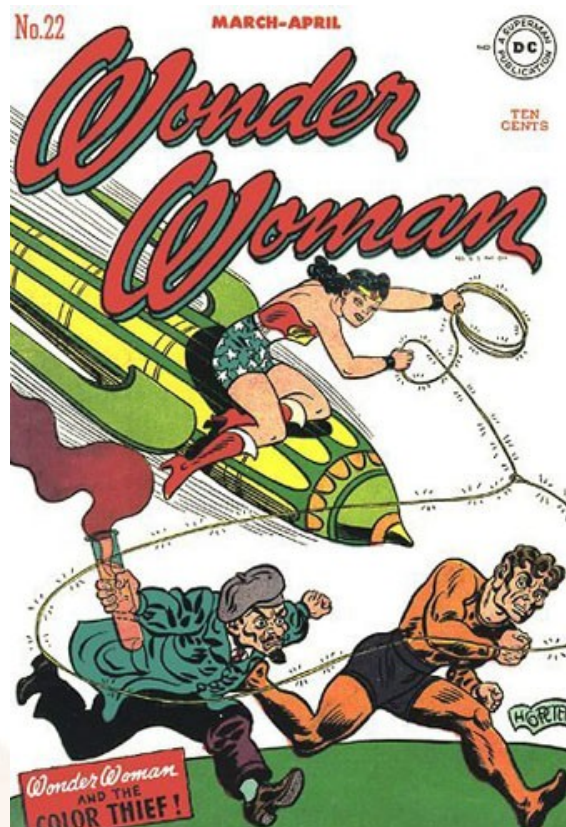


Figura 1. Capa da edição americana da revista Mulher-Maravilha.

Fonte: MARSTON, William Moulton. Wonder Woman. n. 22. NY: DC Comics, Mar-Apr. 1946.

X-MEN/X-WOMEN: A DEMANDA POR DIVERSIDADE

Mutação: é a chave da nossa evolução e nos permitiu evoluir de uma célula única à espécie dominante do planeta. Esse processo lento, normalmente, leva milhares de anos. Mas a cada centena de milênio, a evolução dá um salto⁷.

Criados na armadilha do mesmo, da homogeneidade, temos dificuldades para entender e aceitar a diferença e como consequência excluímos e discriminamos os diferentes. Este comportamento de suspeita e rejeição em relação a qualquer outro é antagônico em relação ao discurso corrente na sociedade contemporânea que enfatiza relacionamentos saudáveis e respeito às diferenças em todos os âmbitos da vida social.

As histórias em quadrinhos dos “X-men” servem de referência para a discussão sobre a diferença, ao supor que há mutantes entre nós: pessoas que nascem com habilidades extraordinárias e, na maioria das vezes, aparências atípicas; uns são capazes de atravessar paredes, outros manipular mentes, há aqueles que podem controlar o fogo, outros o gelo. Há ainda aqueles que possuem asas com uma aparência de anjo, outros, com aparência que lembra um demônio (REBLIN, 2008, p. 81). E por causa de suas capacidades incomuns, tais mutantes causam medo e insegurança nos seres humanos tidos não evoluídos.

Supõe-se ainda que a evolução seja responsável pelo desenvolvimento de seres com super poderes na história. Alguns seres humanos possuem o gene “*fator X*” em seu código genético, responsável pelas alterações no seu organismo. Em linguagem científica esse seria o próximo passo da evolução humana: de *homo sapiens* a *homo superior*.

Seres humanos diferentes foram obrigados a aprender a conviver (ou não), o que conduz à questão da alteridade. (...) A reflexão a cerca do outro, sempre ocorre no encontro com o outro diferente e, nesse encontro, a alteridade sempre oscilava entre uma visão depreciativa e uma visão ingênua acerca do outro diferente. (...) Mas ambas as visões desconsideravam o outro como ser humano (REBLIN, 2008, p. 83-84).

Os seres humanos não consideram estes seres diferentes como ‘seres humanos’ e, por isso tacham-nos de mutantes. Mesmos estes, sendo o próximo passo da evolução. Assim prevalece o preconceito onde sempre diminui o outro.

⁷ Narração inicial de *X – Men: O Filme*. Direção: Bryan Singer. 20th Century Fox Film Corporation, 2000. 1 DVD (104 min.), color.

Com estes grandes poderes, extraordinários por sua vez, os mutantes poderiam facilmente subjugar os seres humanos e validar a sua própria vontade. Mas há aqueles que defendem uma coexistência pacífica entre humanos e mutantes (professor Charles Xavier e seus pupilos os heróis X-men) e, há aqueles que acreditam que os seres humanos são o passado, e o futuro são os mutantes, porque a superioridade mutante deve subjugar a inferioridade humana (Magneto e a Irmandade Mutante), pois após sofrerem a discriminação também eles, superiores, passariam a discriminar os ‘humanos’. Esta é a história do time de Super-Heróis mais famosos no mundo das HQ’s Comics⁸, os X-men.

Mas as HQ’s destes super-heróis não nos mostram somente o impasse sobre discriminação, entre humanos e mutantes; ela vai muito além. Seguindo com o assunto da diferença, as HQ’s dos super-heróis X-men, apresenta-nos o assunto sobre gênero. As HQ’s dos X-men foram os primeiros da Marvel Comics a apresentar super-heroínas em papéis de destaque, bem como uma grande diversidade delas (IRWIN, 2009).

É com o final da segunda grande guerra e o retorno da força de trabalho masculina, que a ideologia que valoriza a diferenciação de papéis por sexo, atribuindo à condição feminina o espaço doméstico, é fortemente reativada, no sentido de retirar a mulher do mercado de trabalho para que ceda seu lugar aos homens. As mensagens veiculadas pelos meios de comunicação enfatizam a imagem da “Rainha do Lar”, exacerbando-se a mistificação do papel da dona-de-casa, esposa e mãe. Novamente o trabalho externo da mulher é desvalorizado, tido como suplementar ao do homem (ALVES, 1985).

No final da década de 1940, *Simone Beauvoir* (1980), lança o seu livro *O Segundo Sexo*, é uma voz isolada neste momento de transição. Ela descreve como forma de denúncia as raízes culturais da desigualdade sexual. Para Beauvoir, nossa cultura é o homem que se afirma através de sua identificação com o seu sexo, e esta auto-afirmação, que o transforma em sujeito, é feita sobre a sua oposição com o sexo feminino, transformado em objeto, e visto através do sujeito.

A análise de Beauvoir constitui um marco na medida em que delinea os fundamentos da reflexão feminista que ressurgirá a partir da década de 1960. As feministas de segunda onda viam as desigualdades culturais e políticas das

⁸ Histórias em quadrinhos americanos.

mulheres como ligadas inexoravelmente, e encorajavam ativamente as mulheres a compreenderem aspectos de suas vidas pessoais como sendo profundamente politizados, e refletindo as estruturas de poder sexistas (ALVES, 1985, p.52).

Stan Lee e Jack Kirby, no início da década de 1960, estavam no meio de um mundo sem precedentes de igualdade de gênero, no meio do movimento por direitos civis e da libertação feminina; e foi neste período, em setembro de 1963 que Lee/Kirby criam o universo mutante dos X-men. A maioria dos times de super-herói sempre incluía mulheres, como por exemplo, a Mulher Maravilha na *Liga da Justiça*, e depois *Canário Negro* que se junta a ela; *Sue Storm* no *Quarteto Fantástico*; *Vespa* nos *Vingadores*. Mas os X-men têm mais modelos femininos fortes que a típica história de super-heróis.

As super-heroínas dos X-men, as X-women, não são apenas beldades usando botas apertadas e peitorais. As X-women são verdadeiras heroínas de origens diversas, com enredos intrigantes de suas histórias e uma vida interior igualmente intrigante (IRWIN, 2009, p.91). Na escola do Professor Xavier para jovens super dotados, as X-women, são criadas como pensadoras independentes, tinham uma vontade forte e eram rígidas como ferro; e como há tantas super-heroínas no universo mutante, em meu modesto objetivo será mostrar algumas.

Tempestade

A população diversificada em X-men inclui a personagem afro-americana *Ororo Munroe*, o codinome *Tempestade*, filha de uma princesa africana com um fotógrafo norte americano (IRWIN, 2005, p.86). Ela ficou órfã ainda muito nova, seus pais morreram soterrados sob escombros de um prédio, ficou abandonada e sozinha nas ruas do Cairo, Egito. Como muitas jornadas mitológicas heróicas, a história desta X-woman, começou com uma tragédia. Apesar de sua história trágica, *Tempestade* consegue tomar sempre decisões corretas, pois não tem ânsia alguma, não tem a tentação de fugir da responsabilidade. Um ser virtuoso, segundo o filósofo grego Aristóteles⁹.

⁹ A Virtude é uma disposição estabelecida que leve à escolha de ações e paixões e que consiste essencialmente na observância da mediania relativa a nós, sendo isso determinado pela razão, isto é, como o homem prudente o determina. (Ver: Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. 1107 al: 1-5).

Tempestade é uma líder nata (também que, por vários anos, ele assume a liderança dos X-men), ela aceita a liberdade e a responsabilidade, é inteligente, com uma dedicação ao dever que produz uma lealdade impar, é sensível e muito poderosa, suas habilidades mutantes incluem controle do voo e das condições climáticas, daí vem seu codinome, Tempestade.

Ela (...) atende o chamado para novas aventuras, trocando o conhecido pelo desconhecido, enfrentando provações, aprendendo com elas e retornando para casa (...) com uma rica sabedoria (IRWIN, 2005, p.86).

Para *Aristóteles*, a finalidade do homem é a felicidade (εὐδαιμονία), que uma atividade da alma designada com o nome de virtude. Ela não é inclinação nem mesmo uma aptidão inata, mas um hábito adquirido pelo hábito e espelhando-se no exemplo dos outros. Aristóteles acredita que a imitação (*mimesis*) é constitutiva da natureza humana, dotada de caráter ativo e criativo. Vivendo e aprendendo, o ser humano pode tornar-se virtuoso e digno da felicidade. O problema é: como o ser humano se torna um bom ser humano? Segundo a ética aristotélica, tornamo-nos homens bons do mesmo modo que nos tornamos bons na maioria das outras coisas, pela prática e repetição.

Aprendemos uma arte ou ofício fazendo as coisas que teremos que fazer quando a tivermos aprendido. Exemplo: homens se tornam construtores construindo casas e se tornam tocadores de lira tocando lira. (...) nos tornamos justos realizando atos justos, (...) corajosos realizando atos corajosos (ARISTÓTELES, 2007, II, 1, 1103 b1 2-5).

Parece senso comum, e é, porque não há outras maneiras de se aprender qualquer coisa a não ser praticando? Aprende-se a ler, lendo; a escrever, escrevendo. É deste modo que aprendemos a resolver questões matemáticas, a praticar algum esporte, a dirigir um carro. Mas poderia aparecer a dúvida: como saberei o que seria um ato justo? Aristóteles responde esta questão através da observação. Se quisermos saber o que significa ser justo, ou moderado, ou corajoso, devemos observar pessoas a quem atribuímos tais virtudes (ARISTÓTELES, 2007, VI, 1140 a1, 20-25). Uma pessoa justa, afinal de contas, é alguém que com regularidade e confiabilidade pratica ações justas. Se quisermos aprender a exercer a justiça, nada melhor do que observar pessoas exemplares que de fato acreditamos ser justas. Mas se desejamos verdadeiramente ser justos e bons, observar não é suficiente. É preciso tentar imitá-las é necessário praticar tais ações semelhantes, para assim neste processo, adquirir estas qualidades ou

virtudes morais. Tempestade encontrou este exemplo e segue os passos de seu mentor, o Professor Xavier, uma homem que qualifica a demanda por diversidade.

Tempestade deixa o isolamento e a segurança do Quênia onde é venerado como uma deusa por seus incríveis poderes, para juntar-se ao Professor Xavier nos EUA, atravessando aquele limiar e enfrentando pesadas provações, tudo em nome da justiça e do bem (IRWIN,2005, p.86).



Figura 2. LEE, Stan. *X-men: Tempestade de Fogo*. N.2. Rio de Janeiro: Abril, Abr. 1995. p. 20.

Tempestade é uma mulher bonita, com um corpo perfeito (estereótipo de Mulher sob a concepção masculina), mas Tempestade não está em cena só por seu tipo físico, ela é o centro de uma matriz heterossexual patriarcal e tradicional, o relacionamento clássico homem-mulher. Ela é ela mesma, e acrescenta considerável substância aos X-men (IRWIN,2005, p.86).

A luta pela discriminação implica, assim, na recriação de uma identidade própria, que supere as hierarquias do forte e do fraco, do ativo e do passivo. Identidade esta em que as diferenças entre os sexos sejam de complementaridade e não de dominação. Em que força e fraqueza, atividade e passividade não se coloquem como pólos opostos definidores do masculino e do feminino, e sim como parte da totalidade dialética, contraditória, do ser humano (ALVES,1985,p.57).

Tempestade quebra a discriminação sobre a figura da mulher, dentro da Escola Xavier, onde não há diferenciação entre homens e mulheres, todos sendo mutantes, todos sendo os X-men.

Na realidade existem muitos gêneros, muitos “feminismos” e “masculinos”, e esforços vêm sendo feitos no sentido de se reconhecer a diferença dentro da diferença, apontando que mulher e homem não constituem simples aglomerados; elementos como cultura, classe, etnia, geração, religião e ocupação devem ser ponderados e intercruzados numa tentativa de desvendamento mais frutífera, através de pesquisas específicas que evitem tendências a generalizações e premissas preestabelecidas. Sobrevém a preocupação em desfazer noções abstratas de mulher e homem, enquanto identidades únicas, a-históricas e essencialistas, para pensar a mulher e o homem como diversidade no bojo da historicidade de suas inter-relações (MATOS,2000,p.15).

Jean Grey: a Fênix

Como vimos os X-men foram a primeira HQ a apresentar as mulheres como super-heroínas com papel de destaque na Marvel Comics. E *Jean Grey*, foi à primeira aluna do *Professor Xavier* em sua *Escola para Jovens Super Dotados*, o *Instituto Xavier*. Jean Grey foi a primeira X-woman a ser criada por *Lee/Kirby* em 1963.

Jean Grey é uma entre os sete mutantes originais apresentados nos X-Men, uma jovem com tremendas habilidades mentais (IRWIN,2009,p.92), os seus poderes são a telepatia e telecinesia.

Jean Grey é muito diferente da personagem *Tempestade* (que vimos anteriormente) criada na década de 1970, mais de uma década depois de Jean. Ambas representam as novas atitudes em relação à mulher na sociedade estadunidense. Como vimos, a personagem *Tempestade* é esperta, autoconfiante e altamente habilidosa e operam sem a menos necessidade de um amor romântico. Em contrastes vimos Jean Grey, que é retratada nas HQ's como alguém confiável, leal e inteligente, sem grande autoconfiança e dependente dos homens à sua volta; ela vive na sombra do Grande Professor Xavier. Ela é atraente e faz parte de um triângulo amoroso com seus colegas de X-men *Scott Summer* e *Logan (Ciclope e Wolverine)*. Jean Grey funciona como o foco de uma contínua matriz heterossexual, promovendo o relacionamento tradicional homem-mulher às platéias (IRWIN,2005,p.91).

A personagem de Jean Grey está destinada a um passo gigantesco no processo de evolução. Para os assíduos leitores das HQ's dos X-men, Jean Grey é

o sinônimo da Fênix¹⁰, um ser cósmico que assume a identidade de Jean após ela ser exposta a altos níveis de radiação solar durante uma missão de salvamento.

Desde a sua chegada ao Instituto Xavier, Jean teve de lutar pela vida. Possuída por uma entidade cósmica (a *Fênix*), ou traída por seu único amor Scott Summer, codinome Cliclope com Emma Frost, a Rainha Branca. Desde sua estréia, Jean Grey tem lutado e se sacrificado, *ad infintum*, em inúmeros futuros, dimensões e linhas de tempo. Sua existência parece ser infinita por que seus poderes mutantes lhe permitem invocar e se fundir com a força cósmica da vida e da morte. Jean teve mais ressurreição que qualquer outro personagem dos X-men, o que significa que ela também morreu mais que qualquer outro mutante na série. Entretanto, sua existência pertence a alguém que se recria a si mesma permanentemente a partir das cinzas do passado, alguém que personifica o ideal existencialista a um grau sem precedente, uma vez que, por meio de suas escolhas, ela redefine repetidamente o significado de sua existência, remodelando o X-verso em que vive (IRWIN,2005,p.93).

Jean Grey representa bem o ser mitológico dos assírios, a Fênix.

A maior parte dos seres nasce de outros indivíduos, mas há uma certa espécie que se reproduz sozinha (...) a fênix. Faz um ninho de ramos (...),nele junta cinamomo, nardo e mirra, e com essas essências constrói uma pira sobre a qual se coloca, e morre. Do corpo da ave surge uma nova fênix, destinada a viver tanto quanto a sua antecessora (BULFINCH,2006,p.295).



Figura 3. CLAREMONT, Crhis. *Uncanny X-men*. N. 101. N.Y. MARVEL, 1976. p. 21.

¹⁰ Ser mitológico (ver BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: Histórias de deuses e deusas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. pág. 295.

Na trilogia dos filmes dos X-men¹¹, Jean Grey exibe os três principais níveis da ética de justiça de Kohlberg (1981). Ela passa pelo nível pré-convencional sendo orientada por aqueles que têm autoridade. Parece tímida e submissa, com uma voz suave, explicando o fracasso a Xavier ou desculpando-se por não poder realizar certas tarefas porque não é muito poderosa (*X – Men: O Filme*, 2000).

A mística do “eterno feminino”, ou seja, a crença na inferioridade “natural” da mulher, calcada em fatores biológicos. Questiona assim a idéia de que homens e mulheres estariam predeterminados, por sua própria natureza, a cumprir papéis opostos na sociedade: ao homem, o mundo externo; a mulher, por sua função procriadora, ao mundo interno (ALVES, 1985, p.55).

Ela também exibe em muitas ocasiões o nível convencional de desenvolvimento moral, quando age para agradar aos outros de acordo com suas expectativas. Por fim, quando no final do segundo filme (*X-men 2*, 2003), Jean sacrifica sua vida para salvar seus colegas, poder-se-ia dizer que ela atingiu o estágio final, pós-convencional da ética de Kohlberg. Nesse ato, ela rejeita os desejos e apelos dos outros e age por conta própria para preservar o bem comum, independente de seus vínculos e relacionamentos emocionais. Ela pode ser vista em seu supremo ato de auto-sacrifício como a utilitarista quintessencial, calculando o melhor interesse do maior número de pessoas envolvidas e, em um ato de fria racionalidade, escolhe a ação, ainda que isso signifique a morte. Mas, essa é a Jean Grey que conhecemos? Ou ela estaria agindo segundo a mais profunda forma de cuidado? (IRWIN, 2005, p.92).

Quando Jean Grey se sacrifica para salvar seus colegas de time (os X-men), ela segue uma interpretação comum da ética do cuidado de Gilligan (1982), que insiste para que as mulheres se considerem tão merecedoras quanto os homens. Muitas analistas feministas sugerem que a ética do cuidado, interpreta de modo correto, exclui qualquer tipo de sacrifício pelos outros. Elas recomendam, no entanto, o equilíbrio entre um interesse saudável da mulher por si mesma e o interesse apropriado pelo bem-estar dos outros (IRWIN, 2005, p.92).

A ética da justiça é centrada em regras e direitos. Já a ética do cuidado enfoca os relacionamentos e o cuidado com as pessoas. Quando Jean enfrenta uma situação na qual a vida de todos os seus amigos mais próximos só pode ser salva pelo sacrifício de sua vida, ela não é confrontada por pessoas que tem o tipo de direito à vida que exige o ato final dela como um dever moral, a serviço da justiça. É

¹¹ Adaptação hollywoodiana das HQ's para o cinema.

justamente porque ela vai além do chamado dever que seu ato é heróico. Ela não age por dever, mas sim, por amor, cuidado e interesse, sabendo que só com seu sacrifício pode salvar a vida dos X-men (IRWIN, 2005,p.93). “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida, por seus amigos”. (Evangelho de São João (15,13).1989).

Agindo assim, ela se torna uma espécie de figura de cristo feminina e sua morte parece pressagiar uma ressurreição, algo que será apresentado no terceiro filme da serie X-men (*X-men 3: O confronto final*. 2006).

Jean Grey prova que este não é privilégio só dos homens. E, ao fazer isso, ela talvez esteja superando a dualidade implícita tanto na ética do cuidado quanto na interpretação feminista dela. Ela não pesa seus direitos em contrastes com os seus colegas, e não questiona de quem vai cuidar melhor; dela mesma ou deles. É possível que ela tenha transcendido por meio da dualidade para uma singularidade ou unidade com os outros, a ponto de elidir a diferença entre auto-sacrifício e auto-preservação. Ela faz o que precisa ser feito pra a preservação da unidade maior.

Jean transcende as demandas e deveres da ética normal, age além do chamado de dever, isso lhe traz uma surpreendente recompensa, por meio de um renascimento como a extraordinária e poderosa Fênix (IRWIN, 2005,p.93). Essa pode ser a moderna apresentação mítica do supremo poder transformativo do amor. Jean Grey morre, mas renasce de suas cinzas, como a poderosa Fênix, uma poderosa mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ninguém nasce mulher, torna-se mulher (BEAUVOIR,1980,p.9).

Os estudos sobre a mulher e sua participação na sociedade, na organização familiar, nos movimentos sociais, na política e no trabalho vêm crescendo e este tema adquiriu notoriedade. Principalmente após a incorporação da categoria gênero (MATOS,2000,p.12). Desde que surgiram, as histórias em quadrinhos se adaptaram e se integraram ao contexto histórico no qual estavam inseridas, sendo que os personagens e os enredos se tornam expressões dos anseios, valores, preconceitos e mesmo das frustrações de seus criadores, eles mesmo produtos de sua época.

Nos quadrinhos estão as representações do real, ou daquilo que no que se deseja transformar a realidade (NOGUEIRA,2010).

Protegidas pela tinta e pelo papel, os personagens das HQ's materializam representações que são constantemente retomadas, re-atualizadas e normatizadas sob a forma de um simples exercício de leitura; do jogo lúdico entre palavra e imagem, que aparentemente desvincula do mundo real, retoma, recria e fundamenta modelos e saberes (OLIVEIRA,2007,p.23).

As HQ's são de um mundo da supremacia masculina, e o papel da mulher era de submissa aos homens, sempre como papel de mocinhas nas histórias ou como auxiliar do super-herói. Isso é bem retratado na história de nossa sociedade, com a mulher tendo sempre um papel secundário. Um viés político *eventientiele*, de corte neopositivista, que é centrada nos estudos das elites e dos heróis masculinos (MATOS,2000, p.11).

Há uma ideia de realização natural, que inferioriza um dos sexos, também é um dos argumentos utilizados pelas teorias racistas, onde os negros, índios e semitas, seriam 'por natureza' inferiores.

O 'masculino' e o 'feminino' são criações culturais e, como tal, são comportamentos apreendidos através do processo de socialização que condiciona diferentemente os sexos para cumprirem funções sociais específicas e diversas. Essa aprendizagem é um processo social. *Aprendemos* a ser homens e mulheres e a aceitar como 'naturais' as relações de poder entre os sexos. A menina, assim, aprende a ser doce, obediente, passiva, altruísta, dependente; enquanto o menino, aprende a ser agressivo, competitivo, ativo, independente. Como se tais qualidades fossem parte de suas próprias 'naturezas' (ALVES,1985,p.57).

Mesmo precisando ser salvas pelos super-heróis ou auxiliando-os, as mulheres começam a ganhar poderes e tornando-se super-heroínas nas HQ's; assim, aos poucos, começam a sair da sombra do super-herói, conquistando seu espaço, buscando sua autonomia, na mesma medida em que as mulheres na vida real, fora da história de ficção, iam conquistando seu espaço na sociedade; isto ocorre a partir da década de 1940 com a criação da super-heroína, *Mulher Maravilha* e, principalmente na década de 1960 e 1970, com o turbilhão dos movimentos por direitos civis e da libertação feminina. É neste período que nascem os super-heróis *X-men*, em que as super-heroínas ganham um grande destaque: como a poderosa mutante *Jean Grey*, primeira aluna do Instituto Xavier, no início da década de 1960 e, uma década mais tarde a mutante do tempo, *Tempestade*, líder em frente ao time de super-heróis X-men.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Branca Moreira. **O que é feminismo**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 2 ed. Tradução Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2007.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v.2.
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Ave Maria, 1989.
- BOLTON, Lesley. **O livro completo da mitologia grega**. São Paulo: Madras, 2004.
- BRAGA, F. PATATI, C. **Almanaque dos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: Histórias de deuses e heróis**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- GILLIGAN, Carol. **In a different Voice: Psychological theory and Women's development**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- IRWIN, Willian. **Super Heróis e a Filosofia**. São Paulo: Madras, 2005.
- IRWIN, Willian. **X-men e a filosofia: visão surpreendente e argumento fabuloso do X- verso mutante**. São Paulo: Madras, 2009.
- KNOWLES, Christopher. **Nossos deuses são super-heróis**. São Paulo: Cultrix, 2008.
- KOHLBERG, Lawrence. **The philosophy of moral development**. New York: Harper Collins, 1981.
- MATOS, Maria Izilda S. de. **Por uma história da mulher**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

NOGUEIRA, Natania A. Silva. **Representações femininas nas histórias em quadrinhos da EBAL.** Disponível em <http://www.historiainagem.com.br/edicao10abril2010/reprfeminquadrinhosebal.pdf>. Acesso em: 06 jun 2010.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. **Mulher ao quadrado:** As representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: Permanências e ressonâncias. Brasília: EDUNB; Finatec, 2007.

REBLIN, Iuri A. **Para o alto e avante:** Uma análise do universo criativo dos super-heróis. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

X – MEN: O Filme. Direção: Bryan Singer. [s.l.]: 20th Century Fox Film Corporation, 2000. 1 DVD (104 min.), color.

X-MEN 2. Direção: Bryan Singer. [s.l.]: 20th Century Fox Film Corporation, 2003. 1 DVD (134 min.), color.

X-MEN 3: O confronto final. Direção: Brett Ratner. [s.l.]: 20th Century Fox Film Corporation, 2006. 1 DVD (104 min.), color.

Artigo:

Recebido em: 18/08/2010

Aceito em: 09/05/2011